

PERCURSO DA ENFERMAGEM EM PORTUGAL:

De final dos Oitocentos a meados de Novecentos

Alexandra Rosado, Ana Cristina Rolo,
Anabela Silva, Cristina Castel Branco

Delinear a evolução histórica da enfermagem em Portugal torna-se uma tarefa difícil, devido à multiplicidade de factos que a influenciam não sendo fácil limitar as suas fronteiras. No entanto, segundo Molina (1961) a "Enfermagem tão antiga como a existência mesma do homem", o que nos remonta desde a antiguidade até à idade contemporânea. Este nosso pequeno trabalho incide, sobre a perspectiva histórica da enfermagem em Portugal até ao ano de 1949.

A 1ª revolução na enfermagem é atribuída a Florence Nightingale e é com ela que se fixa o aparecimento da Enfermagem Moderna em 1860, com a fundação da primeira Escola de Enfermagem – "Nightingale School for Nurses", anexa ao St. Thoma's Hospital em Londres.

Nesta altura em Portugal a enfermagem era tida como um grupo indiferenciado, esta situação manteve-se entre 1861/1869. Durante o ano de 1862 vive-se um conflito ideológico, travado entre a mentalidade laico anticlerical e a mentalidade religiosa, conflito esse com origem na questão das irmãs de caridade. Este grupo de religiosas francesas pertencentes à congregação de S. Vicente Paulo, vieram para Portugal durante as epidemias de cólera e febre-amarela, ocupando-se de práticas de beneficência e ensino de órfãos. No entanto, uma campanha jornalística contra elas exaltou a opinião pública, por um lado estavam os meios aristocráticos que as defendiam, por outro tínhamos os mais progressistas que rejeitavam a sua acção em Portugal.

Entre 1881/1886 assiste-se à formalização do ensino da enfermagem em Portugal, podendo-se mesmo considerar esta altura como uma fase intermédia (proto-histórica) da passagem da Enfermagem de um ofício à profissão.

Aquando da passagem de Costa Simões nos hospitais franceses e devido ao facto de ter constatado que as irmãs de caridade desempenhavam um mau serviço; davam pouca importância à técnica, dedicavam-se muito as tarefas religiosas e não se apresentavam como subordinadas dos médicos, decidiu promover um curso para enfermeiras.

Sob a sua administração surge nos Hospitais da Universidade de Coimbra o 1º Curso para Enfermeiros, em 1881. Todas as despesas do curso eram financiadas por Costa Simões, pelo que não solicitou autorização governamental. O curso, que contemplava 4 disciplinas (Serviços de Enfermaria, Instrução Primária, Português e Tradução de Língua Francesa) não foi bem sucedido, tendo Costa Simões justificado esse insucesso com o facto de se ter aposentado em 1882, de ter partido para o Porto em 1883 para fazer parte da Comissão do Hospital do Porto e também devido ao facto do Dr. Ignácio ter adoecido uma vez que era ele que ministrava as aulas de Enfermaria.

A 9 de Dezembro de 1885 Tomás de Carvalho, Enfermeiro - Mor do Hospital Real de São José, solicitou autorização ao governo para abertura de uma escola para enfermeiros, com o intuito de formar colaboradores do médico, dando início ao



ensino profissional. Estes colaboradores teriam que ser providos de vivacidade de espírito, adequada instrução e demonstrar caridade para com os doentes. Esta auto-riedação tinha como fundamento uma diminuição dos custos hospitalares, ou seja, Tomás de Carvalho alegava que o dinheiro gasto na formação dos enfermeiros seria ganho num curto espaço de tempo, porque iria ter uma diminuição do tempo de internamento o que consequentemente levaria a uma maior economia hospitalar e ao desenvolvimento do papel do enfermeiro. Assim sendo, em Janeiro de 1886 é autorizado o Curso de Enfermeiros do Hospital de S. José.

Em 1886 surge a Escola de Enfermeiras no Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Porto, que em 1890 foi formalmente fundada como Escola Particular do Hospital Geral de Santo António. Em 1918 passou a ter a designação de Curso de Enfermagem.

A 26 de Janeiro de 1887, após autorização do governo abre o curso de enfermeiras regido por Artur Ravara. Neste mesmo ano surge o curso de enfermeiros do Hospital da Marinha.

Nesta época denota-se uma proliferação de escolas devido ao contexto técnico e organizacional. A invenção de aparelhos e o desenvolvimento de outras ciências que requeriam um intercâmbio com a medicina, levavam, por um lado, a uma menor disponibilidade dos médicos e, por outro lado, a um aumento da complexidade dos cuidados, o que levaria a uma reorganização do serviço. Assim sendo, era necessário libertar o médico de algumas actividades, havendo a necessidade de formar pessoas que as pudessem executar.

Nesta altura, era suposto a enfermeira permanecer à cabeceira do doente, ter uma postura caridosa, ser capaz de realizar tarefas prescritas pelos médicos e cuidar dos aspectos administrativos ou burocráticos. Havendo assim uma modificação do papel da enfermeira de consoladora do

doente, para auxiliar do médico.

Até este momento e tendo em conta o percurso da enfermagem, poderemos concluir que ela tem uma dupla filiação: a religiosa matrilinear que tem como base servir um ideal e seguir uma vocação e a médico-técnica patrilinear que tem como base uma capacidade de execução e uma submissão à autoridade do modelo médico.

Em Novembro de 1889 encerram os cursos de enfermagem iniciados em Lisboa, devido à não obtenção dos resultados esperados. Este insucesso ficou a dever-se ao baixo nível de instrução dos alunos (muitos dos quais, analfabetos) e à dificuldade em assistir as aulas, por terem de cumprir com as suas funções nas enfermarias.

Todavia, a ideia estava lançada e os benefícios potenciais apontados.

Pelo Decreto-lei de 12 de Setembro de 1901 foi criada a Escola Profissional de Enfermeiros, através de um relatório redigido por Curry da Câmara Cabral, Enfermeiro-mor dos Hospitais Cíveis de Lisboa ao Ministro do Reino.

Esta escola habilitava os enfermeiros para todos os hospitais do país. Nela existiam dois cursos: o Curso Ordinário com a duração de um ano, em que se exigia saber ler, contar e escrever e o Curso Completo que tinha mais um ano de teoria e prática que o Ordinário, em que complementarmente se estudava Economia Hospitalar, Escrituração de Enfermaria e Regime de Serviços e Doentes Hospitalares.

Em 1902 foi criado um grupo de Enfermeiras Domiciliárias da Misericórdia do Porto.

Em 1908 a Sociedade da Cruz Vermelha realizou uma tentativa para a criação de uma escola, mas sem êxito porque não foi aprovado pela câmara a cedência do terreno, para construir a Casa de Saúde e a escola.

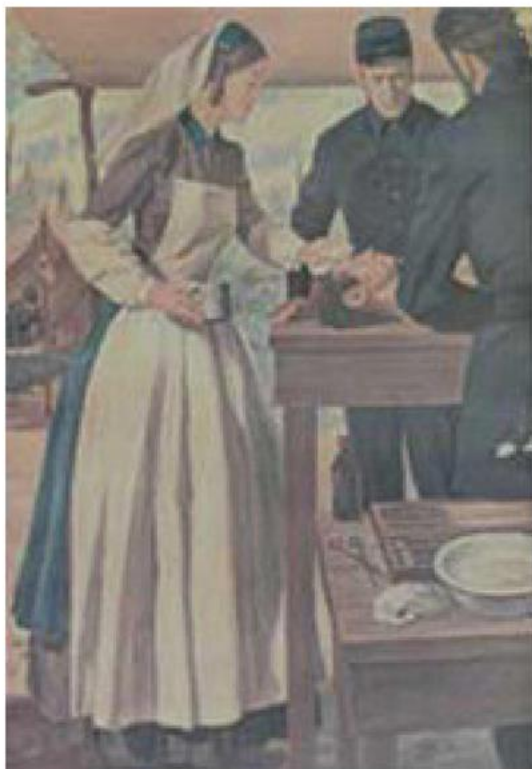


Foto: <http://www.cruzvermelha.pt/ess/historia.asp>

A 5 de Outubro de 1910 ocorreu a Implantação da República, provocando mudanças importantes nas concepções políticas e sociais quanto à educação e à formação profissional.

Após 12 anos de funcionamento, em 1912 foi aprovado regulamento da Misericórdia do Hospital de São Marcos (Braga), instituindo a Escola de Enfermeiros.

Em 1918 a Reforma da legislação dos Hospitais levou à abertura da Escola Profissional de Enfermagem, com dois cursos: o Curso Geral em que era exigido a instrução primária do segundo grau, tinha a duração de 2 anos e que habilitava os enfermeiros para funções hospitalares e o Curso Complementar de Enfermagem em que era exigido o certificado de aprovação do Curso Geral, tinha a duração de 1 ano e habilitava os enfermeiros para ocuparem cargos de chefia.

Passado um ano, em 1919 surge a Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

Em 1922 é aprovado o Regulamento da Escola Profissional de Enfermagem dos Hospitais Civis de Lisboa. Este curso já

incluía disciplinas como a Anatomia e Fisiologia, Enfermagem Geral, Enfermagem Médica, Enfermagem Cirúrgica, História da Enfermagem e Deontologia Profissional. Só a partir deste ano é que passa a ser exigido o diploma para o exercício da profissão.

Em 1925 surge o Regulamento dos serviços de Enfermagem dos Hospitais Civis de Lisboa.

Nesta sequência de factos, emerge a evidência da dispersão de iniciativas, em torno do mesmo objecto, a saber, a formação profissional de enfermeiros.

Matéria defendida em diversas sedes, à época, como nas Revistas e periódicos, como foi o caso do periódico: "Enfermeiro Português" (revista criada em 1928/29),

Nesta altura, e sendo reconhecido o nível precário dos candidatos a enfermeiros, tanto a nível intelectual como moral, em 1929 passou a haver maior exigência na selectividade dos candidatos às Escolas de Enfermagem, sendo obrigatório um exame médico na admissão e obrigatório realizarem estágios durante o curso.

Entre 1929/30 existiu uma comissão que definiu instruções de desinfecção a serem adoptadas nos serviços, numa tentativa de dar resposta ao aumento das taxas de mortalidade, tendo como causas as más condições de higiene e sanidade, aumento exponencial da tuberculose e o manterem todo o tipo de doentes internados nas mesmas instalações. Os problemas relacionados com o ambiente hospitalar, a prevenção de infecções, emergem na literatura, em relação à intervenção dos profissionais.

Em Novembro de 1930 a Escola Profissional de Enfermagem passou a designar-se Escola de Enfermagem Artur Ravara, tendo sido criado um Curso de Aperfeiçoamento com a duração de um trimestre.

Com a institucionalização do Estado Novo em 1932/1934, constata-se uma despromoção da profissão, motivada por uma

desresponsabilização do estado face ao doente. Com esta filosofia verifica-se um afastamento do nosso país com relação aos modelos de saúde do resto da Europa, levando a uma redução na formação científica, investindo-se mais na prática.

Na década de 30 iniciaram-se os movimentos sindicais. Em Fevereiro de 1931 é inaugurada a sede do Sindicato dos Enfermeiros da Região Sul. Em 1933 surge Sindicato dos Enfermeiros da Região Norte. Quatro anos mais tarde é criado o Boletim do Sindicato Nacional dos Enfermeiros do Distrito de Lisboa – “A Enfermeira”.

Em 1946 surge o Sindicato Nacional de Profissionais de Enfermagem, que em Outubro de 1953 inicia a publicação a “Revista de Enfermagem”.

Em 1935 a Escola de Enfermeiros que surge em substituição do Curso de Enfermagem do Hospital Santo António da Santa Casa da Misericórdia do Porto, passa a ter a duração de 3 anos, mas os primeiros diplomas só datam de 1944. Ainda em 1935 surge a Escola de Enfermagem de Saúde da Boavista “Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição”.

Em 1936 foi criada a Escola de Enfermagem da Casa de Saúde do Telhal “Irmãos Hospitaleiros de São João de Deus.

Em 1937 na Escola São Vicente de Paulo por intermédio da Irmã Eugénia Tourinho, uma religiosa brasileira, diplomada em enfermagem por uma escola francesa, iniciou o curso de enfermagem com a duração de 3 anos, sendo leccionadas aulas com o intuito de fornecer aos futuros enfermeiros conhecimentos técnicos e científicos. No 1º ano passavam certificados de Auxiliares de Enfermagem e ao fim dos 3 anos o diploma de Enfermeiros. Verificava-se nesta época uma nítida preocupação de elevar o estatuto da profissão de enfermagem.

Em 1939 no Funchal é fundado o Sanatório do Dr. João Almada, onde as irmãs de

S. José de Cluny prestavam cuidados, julga-se que uma dessas irmãs era proveniente do Hospital Pasteur em Paris e que teria sido ela a iniciar um curso de enfermagem no Sanatório.

Em 1940 surge a Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia de Lisboa, com a colaboração da Fundação Rockefeller e da comissão da Luta Contra o Cancro, sob a direcção do Dr. Francisco Gentil.

A 12 de Março de 1942 foi regulamentada pelo Decreto-lei nº 31.973 a enfermagem como uma profissão de mulheres solteiras ou viúvas sem filhos, medida que só foi revogada em 1963 pelo Decreto-lei 44.923.

Ou seja, durante 20 anos, nos hospitais civis, entendeu-se que o tirocínio de enfermagem era exclusivo para mulheres que não podiam casar-se.

Esta seria uma realidade interessante a explorar, em estudos históricos, relativa a questões de género na profissão e da análise das consequências (o impacto) das medidas normativas legais na profissão.

Pelo Decreto-lei nº 32.612 de Dezembro de 1942, foi regulamentado o início dos Cursos de Especialidades em Enfermagem. É nesta altura que surge o 1º Curso de Aperfeiçoamento para Enfermeiras Partejas Puericultoras na Maternidade Alfredo da Costa, dando início à formação contínua.

Entre 1939/45 vive-se a II Guerra Mundial, o ensino no pós-guerra sofrerá sucessivas reformas e terá alterações decorrentes das próprias consequências da guerra (desta, como da Guerra Colonial, na década de 60).

Em Portugal os anos de 1942/44 ficam marcados, por uma grande agitação social com sucessivas greves, com grandes dificuldades e carências para a população.

Em 1947 é oficializada a Escola de Enfermagem Rainha Santa Isabel.

A 10 de Abril desse ano ao abrigo do Decreto-lei nº 36.219 é publicado um Diploma importante na Organização do ensino da Enfermagem em Portugal, criaram-se novas escolas e reorganizaram as já existentes.

Inicia-se um ensino com novos moldes e novas exigências, no qual passou a ser obrigatório o 1º ciclo dos liceus, embora a Escola Técnica de Enfermeiras exigisse o 2º ciclo dos liceus. Data desta altura a criação da figura da auxiliar de enfermagem, por forma a colmatar a falta de pessoal de enfermagem.

Nesse mesmo ano, o ensino oficial da enfermagem era realizado em escolas dependentes de 3 Ministérios. O Ministério da Educação Nacional em que eram leccionados os cursos de Visitadoras de Higiene, Parteiras, dependente deste

magem Fisiológica) e de Aperfeiçoamento com a formação dos enfermeiros chefes e monitores e ainda o curso de Visitadoras Sanitárias. Por fim, o Ministério da Marinha da qual dependia a Escola dos Enfermeiros da Armada.

Em 1948 surge a Escola de Enfermagem de Castelo Branco, fundada por Lopes Dias e das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria.

Surge ainda a Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha Portuguesa, sob dependência do Ministério da Guerra.

Em conclusão, pensamos que esta cronologia reúne os factos mais marcantes do percurso da enfermagem até 1949.

Durante a execução deste trabalho e após reflexão, consideramos que o percurso da enfermagem em Portugal é baseado no desenvolvimento do Movimento Assistencial em consonância com os hospitais.

Esta sucessão de datas cronológicas juntamente com os acontecimentos sociais, nomeadamente a Implantação da República, o Advento do Estado Novo e a II Guerra Mundial, faz com que este período seja dos mais relevantes para a evolução da Profissão de Enfermagem em Portugal.

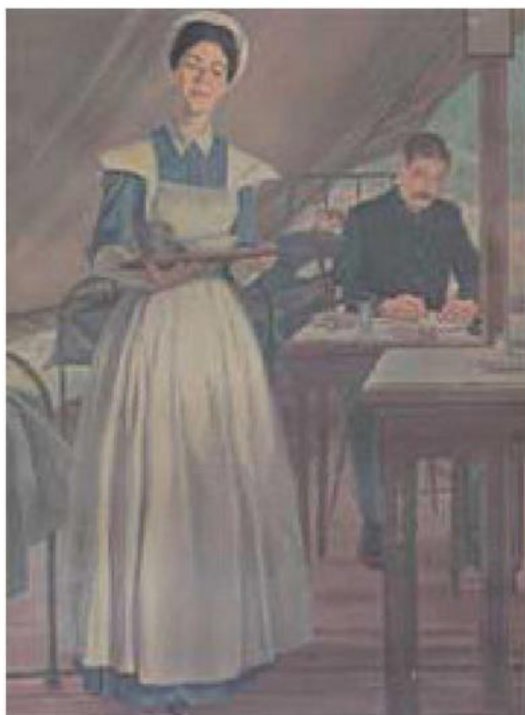


Foto: <http://www.cruzvermelha.pt/ess/historia.asp>

Ministério estava também a Escola Técnica de Enfermeiras. O Ministério do Interior estava ligado à Escola de Saúde Pública, que após reestruturação do ensino da enfermagem em 1937 realizava 5 tipos de curso: Pré-Enfermagem, Auxiliar de Enfermagem, Gerais (curso de Enfermagem, Administração Hospitalar e Serviço social), Específicos (com as especialidades de Psiquiatria, Puericultura, Enfer-

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRAÇA, Luís, et al. – **Evolução da Prática e do Ensino da Enfermagem em Portugal.** <http://www.ensp.unl.pt/lgraca/textos62.html> [14-03-2007. 14:43]

NUNES, Lucília - Um Olhar sobre o ombro. Enfermagem em Portugal (1881-1998). Loures: Lusociência, 2033. ISBN - 972-8383-30-4